

A INFLUÊNCIA DO GOSTO MUSICAL NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NA JUVENTUDE

2012

Vilmar Pereira de Oliveira

Graduado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas
(Brasil)

Email:

psi.vilmar@gmail.com

RESUMO

O presente artigo expõe alguns resultados de uma pesquisa de conclusão de curso¹, na qual se investigou, no processo de construção da identidade na juventude, as contribuições e influência da música. Ao final da pesquisa, constatou-se que a música, além de ser um instrumento de aquisição de cultura e de lazer, pode servir como uma ferramenta de integração social, apresentando-se neste sentido, como um modo de demarcar/refletir diferenças psicológicas e socioculturais, ajudando a criar concepções, rótulos, grupos de convivência e até mesmo estigmas, ao passo que, também se coloca como forma de representação da identidade, isto é, ajuda a pensar 'quem sou' e o que é 'diferente de mim'. Os entrevistados demonstraram que com a música estabelecem trocas, experimentam, se relacionam, divertem-se, produzem, sonham, enfim, constroem e falam de suas identidades pessoais e dos diferentes modos de ser jovem.

Palavras-chave: Música, juventude, identidade, psicologia social

¹ OLIVEIRA, Vilmar Pereira de. *Diga-me o que ouves e te direi quem és: a influência e as contribuições da música no processo de construção da identidade de jovens da Região Metropolitana de Belo Horizonte*. 2012. 95f. Monografia (Conclusão do curso) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Faculdade de Psicologia, Belo Horizonte.

INTRODUÇÃO

A palavra *música* deriva do grego *musiké téchne* e significa a arte das musas. É uma produção cultural que se constitui basicamente a partir da combinação de sons e silêncios, seguindo ou não, uma pré-organização ao longo do tempo, constituindo-se então, na “arte e ciência de combinar os sons de modo agradável ao ouvido²”. Pensando na contemporaneidade, é fácil percebermos como a música é parte integrante de nossas vidas, o que se intensificou ainda mais com o desenvolvimento tecnológico e das mais diversas formas de mídia/meios de comunicação. Ela representa uma linguagem local e global, na medida em que se difunde pela sociedade, valendo-se de sua capacidade de traduzir os sentimentos, atitudes e valores.

Diversos autores, dentre os quais, Andrade (1967) – músico, poeta, romancista, historiador, um dos precursores do modernismo brasileiro –, nos afirmam que a música é tão velha quanto o ser humano, existindo indícios de que desde a pré-história já se produzia música, provavelmente como consequência da observação dos sons da natureza, porém, conforme destacado por esse autor, “seja mais acertado falar que, como Arte, tenha sido ela, entre as artes, a que mais tardiamente se caracterizou” (ANDRADE, 1967, p. 2):

O nocionamento do valor decorativo de qualquer criação humana, seja o objeto, o gesto, a frase, o canto, muito provavelmente derivou do tecnicamente mais bem feito. Um machado de pedra mais bem lascado, uma lança mais bem polida, o próprio gesto mais bem realizado, ao mesmo tempo que mais úteis e eficazes, tornam-se naturalmente mais agradáveis. Já o canto, a música, porém, para reunir à sua manifestação o valor estético do agradável, do decorativo, parece exigir mais que a ocasionalidade do apenas mais bem feito. Este valor estético do decorativo exige nela maior organização da técnica, sons fixos, determinação de escalas, etc. E pela sua própria função [...], a música primitiva se via impedida de nocionar o agradável sonoro. (ANDRADE, 1967, p. 2).

Andrade (1967) nos fala ainda, que os elementos formais da música, o *Som* (melodia) e o *Ritmo* são tão velhos como o homem. “Este os possui em si mesmo, porque os movimentos do coração, o ato de respirar já são elementos rítmicos, o passo já organiza um ritmo, as mãos percutindo já podem determinar todos os elementos do ritmo. E a voz produz o som” (ANDRADE, 1967, p. 13). Assim, desses dois elementos constitutivos da música, o mais rápido a se desenvolver é o ritmo, que faz parte, não só da música, mas de poesia e da dança também, sendo a entidade responsável por unir essas três Artes, e lhes permite se manifestarem juntas em uma Arte só.

² FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Positivo, 2009.

Enquanto alguns autores pontuam que a música tem recebido pouca atenção sistemática na Psicologia, sendo “mais comumente concebida e estudada sobre as bases dos estudos neuropsicológicos e experimentais” (SIQUEIRA, 2009, p. 16), outros, conforme abordagem feita pelos psicólogos sociais Pimentel, Gouveia e Pessoa (2007), já a reconhecem como importante fator para compreender o comportamento humano, considerado-a, também, como respeitável construto para captação de traços de personalidade, atitudes e valores. Dentro deste contexto, também se tem a aplicabilidade da música em práticas terapêuticas, destacando-se a musicoterapia, definida pelos cardiologistas Hatem, Lira e Mattos (2006) como um processo multidisciplinar – portanto, não exclusivo da Psicologia – e sistemático de intervenção em que o terapeuta ajuda o paciente a promover a saúde utilizando experiências musicais e as relações que se desenvolvem através delas como forças dinâmicas de mudança. Referindo-se, especificamente à esfera da Psicologia Social, pode-se perceber, a partir da busca e leitura, que a grande maioria dos trabalhos envolvendo o tema música compõe-se no seu emprego como ferramenta de intervenção psicossocial em programas ou projetos como, por exemplo, nas oficinas de *hip-hop* – geralmente voltadas para jovens em situação de pobreza ou outras vulnerabilidades.

Estudou-se então, através da perspectiva da Psicologia Social, a influência da música no processo de construção da identidade na juventude. Neste sentido, levantou-se questões referentes ao gosto musical: por que vários grupos sociais têm na música uma importante representação de sua identidade? O que faz esses jovens tentar se vestir e se comportar como seus ídolos, ou ainda, tocar ou cantar como os mesmos, formar grupos de gostos parecidos? Como percebem que a música, os estilos e seu gosto musical falam ou tratam de si mesmos? Com isso, foram entrevistados jovens moradores da região metropolitana de Belo Horizonte que declaram a música como algo de grande importância em suas vidas.

MÚSICA, JUVENTUDE E IDENTIDADE

Sob a luz da teoria sócio-histórica de Vygotsky, a doutora em Psicologia Social, Maheirie (2003), nos diz que a Arte é um fenômeno humano, derivado da relação do homem com o seu contexto físico, social, político e cultural, podendo ser vista como mediação para compreender a vida em diversos âmbitos. A autora ressalta que seguindo estas considerações, a música, como qualquer expressão artística, deve ser compreendida como uma atividade humana colocada em um determinado contexto, onde se torna possível ponderar a sua especificidade enquanto um processo, uma forma de sentir e pensar, capaz de criar emoções e inventar linguagens. Compreendendo o sujeito como constituído e constituinte do contexto social, a psicóloga completa sua aceção acerca da música, pontuando-a como linguagem reflexivo-afetiva, isto é, expressão do pensamento afetivo, que possui uma função simbólica e expressa, revela e/ou

traduz toda uma época, um fato, ou outro objeto qualquer. Configura-se, portanto, como “uma forma de comunicação, de linguagem, pois por meio do significado que ela carrega e da relação com o contexto social no qual está inserida, ela possibilita aos sujeitos a construção de múltiplos sentidos singulares e coletivos” (MAHEIRIE, 2003, p. 148), já que, um de seus aspectos cruciais é, conforme dito pela autora ao fazer menção à Vygotsky, sua capacidade em compreender “pelo coração”.

Partindo deste pressuposto, é possível inferir que o sujeito que está “mergulhado” em uma música – podemos pensar aqui não somente no ouvinte, mas também no músico e no fazer musical – “significa o mundo que está a sua volta, por meio de consciências afetivas” (MAHEIRIE, 2003, p. 148), que segundo a autora, que aqui se baseia na definição/conceito de Sartre, nada mais é do que a forma de apreender o mundo. Neste sentido a música, justamente por criar e despertar a afetividade, parece alterar a forma como o sujeito significa o mundo que o cerca. Este ponto é muito interessante para se pensar na influência da música na construção de identidades, já que para além de significar o mundo, a música pode ajudar o sujeito a significar a si mesmo.

Apesar de tal pressuposto, Pimentel, Gouveia e Pessoa (2007) nos advertem que embora a música tenha um efeito sobre o comportamento das pessoas, parece evidente que os estilos têm efeitos variados. Neste sentido, os autores afirmam que apesar de não existirem muitos estudos que relacionem preferência musical com períodos da vida, o *rock* e o *punk*, por exemplo, vêm sendo comumente associados com a adolescência, juventude e protesto, ressaltando que não somente estes, mas que diversos estilos, há muito, já preocupavam a sociedade no tocante à influência perniciosa que poderiam ter sobre os adolescentes.

A juventude apresenta-se então, como uma das grandes aflições da sociedade e devido a este fato, tem sido amplamente discutida, sendo contemplada por uma grande diversidade de enfoques e definições. Enquanto Luís Groppo (2000) – Doutor em Ciências Sociais – caracteriza a juventude enquanto categoria social, isto é, como concepção, representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a eles atribuídos, a socióloga Helena Abramo (2007) a concebe como uma fase de função social de maturação e de preparação para a vida adulta, cujas consequências implicarão tanto o próprio sujeito, como também a sociedade, salientando que esta etapa é marcada por fatores *biopsicossociais* que incluem, em geral, rituais de passagem, mudanças de *status* e ingresso em esferas específicas, como o mercado de trabalho, a constituição de família e o pertencimento a grupos.

Contudo, estudar os jovens apenas por esta perspectiva de transitoriedade é uma atitude questionada por Juarez Dayrell (2003) – Doutor em Educação, uma das grandes referências sobre o tema juventude em solo mineiro –, que vê na proposta de “fase de transição” uma negação do presente vivido pelo jovem como espaço-tempo de formação, nos quais ele vivencia questões

existenciais mais amplas que somente a da passagem para a vida adulta. Assim, este autor defende o período da “juventude enquanto parte de um processo mais amplo de constituição de sujeitos” (DAYRELL, 2003, p. 42).

Fala-se então, da juventude enquanto um processo de constituição de sujeitos e de como a música pode ajudar o sujeito a significar a si mesmo. Articulando estes dois pontuamentos, o sociólogo José Machado Pais³, citado por Pimentel, Gouveia e Pessoa (2007), versa sobre o protagonismo da música nas culturas juvenis e assinala que as preferências musicais são acompanhadas de atitudes específicas que reforçam – mas também ultrapassam – os gostos musicais. Segundo o autor, a música, o vestuário, a aparência ou a linguagem são “elementos simbólicos” que dão coerência interna aos grupos, servindo para formar e consolidar uma identidade grupal e, conseqüentemente, diferenciações com outros grupos. Na sua análise, a música é considerada um “signo juvenil geracional”, pois seria universal aos grupos de jovens, em oposição aos “signos juvenis grupais” que seriam elementos peculiares a certos grupos, agindo como diferenciadores. Sendo assim, um determinado estilo musical, como o *heavy metal* ou o *punk rock*, pode agir como “signo de diferenciação grupal” por opor grupos que atribuem à preferência musical um papel crucial nos processos de formação de identidade social.

O autor culturalista Tomaz Tadeu da Silva (2005) nos diz que em uma primeira aproximação, a identidade é simplesmente aquilo que se é e, na mesma linha de raciocínio, a diferença é concebida em oposição à identidade, a diferença é aquilo que o outro é. Assim o autor pondera que ambos os conceitos estão em uma relação de estreita dependência, contudo, adverte que a forma afirmativa como expressados a identidade tende a esconder essa relação. Isso quer dizer que, “quando digo ‘sou brasileiro’ parece que estou fazendo referência a uma identidade que se esgota em si mesma. Entretanto, eu só preciso fazer essa afirmação porque existem outros seres humanos que não são brasileiros” (SILVA, 2005, p. 74-75).

Indo ao encontro dessa contestação identidade/diferença, os psicólogos sociais franceses, Deschamps e Moliner (2009), conceituam identidade pelo postulado da aparente dicotomia e da complementaridade entre as identidades social e pessoal. Enquanto a identidade social remete ao fato de que o indivíduo se percebe como semelhante aos outros, isto é, um sentimento de pertença/inclusão, a identidade pessoal, por sua vez, indica o reconhecimento que um indivíduo terá de sua diferença em relação aos outros. Assim, para estes autores, a identidade é concebida “como um fenômeno subjetivo e dinâmico resultante de uma dupla constatação de semelhanças e diferenças entre si mesmo, os outros e alguns grupos” (DESCHAMPS; MOLINER, 2009, p.14), sendo o sentimento de identidade resultante de um conjunto de características tanto pessoais como sociais, que se combinam numa configuração particular para cada um.

³ PAIS, J. M. *Culturas juvenis*. Lisboa, 1998, PO: Imprensa Nacional Casa da Moeda.

Kathryn Woodward (2005), autora que assim como Silva, também escreve sobre identidade partindo de uma perspectiva dos estudos culturais, pontua que o tema tem se destacado como uma questão central nas discussões contemporâneas, no contexto das reconstruções globais das identidades nacionais e étnicas e da emergência dos “novos movimentos sociais”, os quais estão preocupados com a reafirmação das identidades pessoais e culturais. Afirma que esses processos colocam em questão uma série de certezas tradicionais, dando força ao argumento de que existe uma crise da identidade nas sociedades contemporâneas.

Woodward (2005) afirma que os termos “identidade” e “subjetividade” são às vezes utilizados de forma intercambiável, existindo, na realidade, uma significativa sobreposição entre os dois. A autora coloca que “subjetividade” indica a compreensão que temos sobre o nosso eu, isto é, o termo envolve os pensamentos e as emoções conscientes e inconscientes que constituem nossas concepções sobre “quem nós somos”. Entretanto, completa dizendo que vivemos nossa subjetividade em um contexto social no qual a linguagem e a cultura dão significado à experiência que temos de nós mesmos e no qual nós adotamos uma identidade. Neste sentido, quaisquer que sejam os conjuntos de significados construídos pelos discursos, eles só podem ser eficazes se eles nos recrutam como sujeitos. Os sujeitos são assim, sujeitados ao discurso e devem eles próprios assumi-lo como indivíduos que, dessa forma, se posicionam a si próprios. Assim, as posições que assumimos e com as quais nos identificamos constituem nossas identidades.

Para Woodward (2005) o conceito de subjetividade permite uma exploração dos sentimentos que estão envolvidos no processo de produção da identidade e nos permite explicar as razões pelas quais as pessoas se apegam a identidades particulares. Trazendo contribuições da psicanálise e fazendo menção à Lacan, a autora argumenta que a subjetividade é dividida e ilusória:

Por depender; para sua unidade, de algo fora de si mesma, a identidade surge a partir de uma falta, isto é, de um desejo pelo retorno da unidade com a mãe que era parte da primeira infância, mas que só pode ser ilusória, uma fantasia, dado que a separação real já ocorreu. O sujeito ainda anseia pelo eu unitário e pela unidade com a mãe da fase imaginária, e esse anseio, esse desejo, produz a tendência para se identificar com figuras poderosas e significativas fora de si próprio. (WOODWARD, 2005, p. 64).

Existe, assim, um contínuo processo de identificação, no qual buscamos criar alguma compreensão sobre nós próprios por meio de sistemas simbólicos e nos identificar com as formas pelas quais somos vistos por outros. Tendo, inicialmente, adotado uma identidade a partir do exterior do eu, continuamos a nos identificar com aquilo que queremos ser, mas aquilo que

queremos ser está separado do eu, de forma que o eu está permanentemente dividido no seu próprio interior.

Considerando um autor clássico, Erik Erikson (1987) em sua teoria psicossocial nos diz que identidade é o sentimento intrínseco do ser humano que se modifica ao longo da vida, atravessando mudanças pessoais e ocorrências diversas, a partir das relações com os outros. Neste sentido a identidade é um processo em constante construção/evolução que ocorre empregando simultaneamente reflexão e observação, sendo, portanto, um processo de crescente diferenciação, que se torna cada vez mais abrangente à “medida que o indivíduo vai ganhando [...] maior consciência de um círculo [...] de outros que são significativos para ele – desde a pessoa materna até a humanidade” (ERIKSON, 1987, p. 21).

Erikson (1987) considera a construção de identidade como um fio condutor da adolescência, afirmando que é onde ela se dá de forma mais significativa, contudo, salienta que ela não é exclusividade desta. A ênfase dada por Erikson pode ser relacionada com o fato de que na adolescência o indivíduo adquire requisitos preliminares de crescimento fisiológico, amadurecimento mental e responsabilidade social para experimentar e atravessar a crise de identidade e as implacáveis tentativas de auto-afirmação. Assim, o teórico pontua que o “desenvolvimento humano não começa ou termina com a identidade; e a identidade também deve tornar-se relativa para a pessoa madura. A identidade psicossocial é necessária como base segura da existência transitória do homem, aqui e agora” (ERIKSON, 1987, p. 41).

Para Erikson (1987), o sentimento de pertencimento ao grupo é um aspecto essencial da experiência e constituição de uma identidade adolescente. Como assinala o teórico, o relacionamento dos jovens entre si e com a sociedade configura-se num palco para a expressão e experimentação de reações emocionais relacionadas à identidade grupal. Aqui é fundamental o reconhecimento mútuo do que é realizado, expresso, sentido e a afirmação reiterada da identidade individual e social. A partir do convívio em grupo, são elencados os valores e os comportamentos que serão aceitos, desejados ou rejeitados dentro de uma sociedade que compartilha uma mesma cultura. O convívio em grupo leva o homem a ter um papel e uma posição enquanto ser social.

Assim, com os grupos e do mesmo modo com a música, os jovens estabelecem trocas, experimentam, divertem-se, produzem, sonham, constroem a si mesmos, suas identidades e, ainda, os diferentes modos de ser jovem. Contudo, a relação entre a música e as agregações juvenis não pode ser entendida como natural, pois, justamente ao contrário, é uma construção histórica. Quem nos chama atenção para isto, é Dayrell (2001), ao pontuar que na década de 1950,

a partir do rock'n'roll ficou mais clara a relação entre a indústria cultural e a juventude, no contexto das culturas juvenis. A partir do pós-guerra, a cultura de massas passou a investir na criação de um mercado próprio, estimulando um estilo peculiar de vestir, com produtos privilegiados de consumo, desde chicletes e refrigerantes até meios de locomoção, como a motocicleta. O cinema contribuiu para veicular a nova estética, mas é o rock'n' roll que veio expressar o novo padrão de comportamento e novos valores, centrados, dentre outros, na liberdade, na autonomia e no prazer imediato. É o símbolo dessa cultura juvenil emergente, com uma música delimitada etariamente, que se expande para todo o mundo como a “língua internacional da juventude”. (DAYRELL, 2001, p. 22).

É neste contexto que ocorre a transferência de um estilo musical para a vida dos jovens, que passam a se identificar com a sonoridade, as letras, o modo de se vestir e de se comportar, fazendo com que, muitas vezes, uma geração possa reconhecer-se na produção musical de um determinado período. Neste sentido, segundo o autor, os grupos musicais são um fenômeno essencialmente juvenil. Isto partiu do *rock*, mas se estende aos demais estilos, que foram surgindo, sendo reinventados, ganhando novos significados e sentidos, nos anos seguintes. Assim, em sua tese *A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude em Belo Horizonte*, Dayrell (2001) toma o *rap* e o *funk* como forma de compreender os modos de vida juvenis na periferia de Belo Horizonte, ponderando que tais estilos constituem espaços privilegiados de produção dos jovens como sujeitos sociais, funcionando como articuladores de identidades e referências na elaboração de projetos individuais e coletivos, além de colocar na cena pública a diversidade e as contradições vividas pela juventude das camadas populares. Segundo o autor, os estilos musicais se manifestam muitas vezes na criação de ritos e linguagens próprias ou na apropriação de expressões e gírias utilizadas em outros meios; na utilização de elementos estéticos visíveis, como roupas ou cortes de cabelos, como também na participação em atividades ou eventos próprios de cada um deles.

Por falar nos eventos, podemos pensar como eles mesmos, em si, já carregam, expressam e demarcam discursos, ritos, fazeres e locais físicos próprios, onde por exemplo, ninguém diz “baile *rock*”, mas sim, o *show* de *rock*, e seguindo a mesma linha, o duelo de *rap*, a *rave* onde imperam a música eletrônica, o baile *funk* a roda de samba, os festival de dança e música *pop*, dentre outros. Pode parecer simples, mas é interessante notar que com estes “nomes” temos representações do que vamos encontrar, ouvir, ou como devemos nos comportar em tais lugares. Articulando essa ideia com o que foi colocado pelo autor, acerca dos estilos – e pensando neles, aqui, como na manifestação dos gostos, das preferências e das escolhas musicas desses jovens – podemos ter nisso um exemplo de como eles asseguram a demarcação de diferenças entre os grupos juvenis e também entre o mundo jovem e o adulto, assumindo assim, em um papel na recriação das identidades individuais e coletivas.

Em sua tese, Dayrell (2001) constata que os *rappers* e os *funkeiros* participantes de sua pesquisa, parecem reelaborar as imagens correntes sobre a juventude, criando modos próprios de ser jovem, sempre mediados pelo estilo musical de que gostam, dando a estes um lugar central em suas vidas, já que por meio deles expressam a reivindicação do direito à juventude. O autor defende que a dimensão simbólica tem sido a forma de comunicação mais presente nas atitudes e comportamentos dos jovens, que recorrem a estes para se posicionarem diante do seu meio e da sociedade. Dessa forma, ele coloca que a música, a dança, o corpo e seu visual tem sido os mediadores que articulam grupos que se juntam para dançar, “curtir o som”, trocar ideias e assim, elaborar posturas diante do mundo, inclusive, alguns com projetos de intervenção social.

O trabalho de Dayrell é então, um convite para tentarmos compreender como os jovens elaboram as suas vivências em torno dos estilos e os significados que lhes atribuem, revelando-os na sua condição, além da sua participação nos grupos musicais, buscando apreender as relações que estabelecem entre essa experiência e a vivência nas outras instâncias sociais em que se inserem. Trata-se então, de contemplar como a música interfere nos modos de vida dos jovens e os significados que estes lhe atribuem no processo de construção de sujeitos/identidades.

METODOLOGIA

A pesquisa em questão possui cunho *qualitativo*, isto é, trabalha com o universo de “significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo de relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 2002, p. 21-22). Assim, este tipo de pesquisa tem como objeto de estudo o ser humano e reconhece que nas interações, este é capaz de refletir sobre si mesmo e de expressar-se como pessoa.

Foram entrevistados seis jovens moradores da região metropolitana de Belo Horizonte (Minas Gerais), conforme caracterização sintetizada no quadro abaixo:

Quadro 1: Apresentação-síntese dos jovens entrevistados

Participante	Sexo	Idade	Cidade	Estilos musicais favoritos	Práticas musicais principais
A	Feminino	23	Contagem	<i>Pop e R&B</i>	Toca instrumentos; grupo de dança; ouvinte; frequenta <i>shows</i> e eventos.
B	Masculino	21	Contagem	<i>Pop-Rock e Rap</i>	Grupo de dança, ouvinte, frequenta <i>shows</i> e eventos
C	Masculino	23	Betim	Música Clássica e <i>Rock</i>	Compõe; toca instrumentos; ouvinte; frequenta <i>shows</i> e eventos.
D	Feminino	17	Betim	MPB e <i>Pop-Rock</i>	Canta em igrejas; ouvinte;



					participa de comunidades e discussões sobre música
E	Masculino	23	Belo Horizonte	Música Eletrônica	Toca instrumentos; ouvinte, frequenta <i>shows</i> e eventos.
F	Feminino	19	Contagem	<i>Funk</i>	Canta e dança com um grupo de amigas; ouvinte; frequenta <i>shows</i> e eventos

Fonte: Dados da pesquisa.

No processo de seleção e recrutamento dos participantes não foram feitas distinções e escolhas relacionadas à escolaridade, gênero ou classe econômica, dentre outros aspectos, o único critério utilizado foi à paixão dos candidatos pela música (ligação e intimidade com o tema em questão). Assim, foi feito um primeiro contato, com caráter e intenção de convite, onde os participantes foram selecionados a partir de práticas que confirmam a sua ligação com a música: alguns foram convidados em *shows*, outros por pertencerem a grupos relacionados à música (dança) e outros por expressarem sua afinidade com o tema de outras maneiras, como por exemplo, em *blogs* e/ou comunidades virtuais, ou simplesmente por tratarem a música como um assunto importante e recorrente.

Para a socióloga, doutora em Saúde Pública, Maria Cecília de Souza Minayo (2000) a entrevista privilegia a obtenção de informações através da fala individual, revelando condições estruturais, sistemas de valores, normas e símbolos, além de transmitir através de um porta-voz, representações de determinados grupos. A opção por entrevista *semi-estruturada* deu-se pelo fato de que nesta o informante tem a possibilidade de discorrer sobre suas experiências, podendo dar respostas livres e espontâneas, ao passo em que se valoriza o foco proposto pelo pesquisador. De acordo com o consentimento dos entrevistados – *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido*, o material colhido foi gravado, transcrito, sistematizado e analisado sobre o referencial do *método hermenêutico-dialético* descrito por Minayo (2000), já que este valoriza a fala dos atores sociais, situada em seu contexto, para ser mais bem compreendida. Apresenta-se como “um caminho do pensamento” (MINAYO, 2000, p. 218), que tem como ponto de partida o interior da fala, visando atingir o campo da especificidade histórica e totalizante que a produz, colocando-se como um meio de se pensar o discurso/depoimento, como resultante de um processo social.

A INFLUÊNCIA DA MÚSICA NA VIDA E NA CONSTITUIÇÃO DE IDENTIDADE DOS PARTICIPANTES

Inegavelmente os entrevistados são amantes de música. E ela está presente na vida deles de várias maneiras: alguns tocam, cantam. A música também está essencialmente ligada a outras práticas, tais como a dança, sendo ainda aludida como principal forma de lazer doméstico e

também como recurso de diversão com os amigos, sendo citadas por todos, as festas e as baladas de vários tipos, além dos eventos relacionados à música, obviamente de acordo com o gosto musical de cada um: bailes e festivais de *funk*, *shows* de *rock* e exposições de música clássica; boates e *raves* (festas com grande público e longa duração onde o som principal é a música eletrônica). Os grupos de jovens das Igrejas também apareceram entre os relatos de dois entrevistados como locus para a música.

Partindo desse pressuposto e, apesar dele, as falas trazidas pelos entrevistados denotam uma “naturalização” da música em suas vidas, ela está tão presente que acaba passando por “despercebida”. Assim, com unanimidade, quando questionados acerca do tempo médio que escutam ou se dedicam a atividades que envolvem música diariamente, todos os entrevistados estipularam o valor de quatro horas por dia, salientando que nos fins de semana este tempo se estende. Ressalta-se, entretanto, que os entrevistados parecem ter restringido essa estimativa aproximada a um período que escutam música em casa, quase que em exclusividade, isto é, desligando-se de outras atividades, exceto pelo uso do computador, que foi dado como o principal meio para se ouvir música. Contudo, os próprios entrevistados em seus relatos, acrescentaram que através de dispositivos portáteis – celular (maioria) e *mp3 players* – escutam música sempre que possível durante o dia, por onde vão. É aqui que se coloca a ideia da “naturalização”, pois este tempo não foi incluído pelos entrevistados na contabilização do tempo de envolvimento com a música e todos eles, durante as entrevistas, pontuaram, por exemplo, que escutam música no trajeto para escola e/ou trabalho.

Para falar de como a música aparece em suas vidas, todos os entrevistados retomam a infância, ressaltando que as memórias mais concretas trazidas por eles, retomam a faixa aproximada dos sete aos 12 anos de idade. Alguns falam de um gosto musical quase que intrínseco, “de nascimento”, outros, pontuam que o gosto foi sendo construído durante a vida.

Os amigos são citados como influências na construção do gosto musical e em geral são remetidos ao período da adolescência e/ou do ensino médio. Aqui já podemos perceber a importância da convivência com um grupo de iguais, o compartilhar de sentimentos de pertencimento e as experiências cotidianas possibilitadas pela vivência mediada pelo estilo. Os participantes também indicam que a música é uma forma de se aproximar do jovem, uma forma de conquistar o interesse da juventude. Falam que os professores deveriam usar a música em sala de aula pra ensinar e também dizem incluir a música nos estudos sempre que possível independente da solicitação ou não do professor.

A música é tão importante para os participantes que se ela não existisse – o que em geral, foi dado como impossível por causa dos sons do fazer humano, e, quando imaginável, somente por intervenção “divina” – ela teria que ser inventada ou substituída por algo muito semelhante. Os entrevistados dizem que sem a música a vida seria “devagar”, não teria graça, pois ela “é um

jeito mais alegre da vida” (PARTICIPANTE F, 2012)⁴. Também foi atribuído um valor de refúgio, onde, por exemplo, “no ônibus lotado, numa situação complicada, desconfortável, [...] dá para se refugiar um pouco na música. Então se não tivesse, eu teria que enfrentar mais situações chatas sem nada para aliviar um pouco, talvez seria mais entediante”. (PARTICIPANTE C, 2012)⁵.

Até aqui podemos pensar como a música atravessa a afetividade dos entrevistados, concordando então com o postulado da vygotskyana e existencialista Maheirie (2003) que correlaciona a música com a afetividade, ponderando a sua especificidade enquanto um processo, uma forma de sentir e pensar, capaz de criar emoções e inventar linguagens. Assim os entrevistados falam que a música representa “uma emoção maior” (PARTICIPANTE F, 2012)⁴, na qual, ainda por meio dela, também podemos tornar mais complexos os nossos saberes, aprimorar nossos pensamentos e posições, trazer para o presente um objeto que está ausente e até mesmo criar objetos imaginários. Conforme salientado pela autora é linguagem reflexivo-afetiva na qual o sujeito “significa o mundo que está a sua volta, por meio de consciências afetivas” (MAHEIRIE, 2003, p. 148).

Eu encontro forças na música, eu acredito na força do amor pela música, sabe? Tipo uai, eu posso estar destruída, minha vida acabou, mas como eu amo música, então eu vou conseguir. Acho que... Deus coopera pras coisas e ele colocou uma coisa tão especial na vida que é a música, então acredito nela como reabilitação. Como, reconstrução. Como um novo sentido pra vida! (PARTICIPANTE D, 2012)⁶.

Outro movimento comum entre os entrevistados foi de conceber a música enquanto um facilitador ou catalisador (no sentido sintetizar e organizar as suas ilusões, desejos, sentimentos e reivindicações) contribuindo assim, para a formação de uma identidade individual e também sendo algo que acalma, que tranquiliza.

A música é o que faz a gente viajar, a música relaxa, sabe? [...] Quando você está triste, tem músicas que vão te fazer chorar e às vezes chorar é muito bom! Ah, eu amo música! Eu tenho vontade de música, eu fiquei um tempo sem um foninho e quase enlouqueci, porque eu não podia ouvir enquanto estava na rua. Quando você ouve o que você quer, você fica feliz. A música é muito importante pra formação, para eu formar a minha personalidade longe da minha família, [...] eu vou precisar sair da aba dos meus pais. Eu acho que a música ajuda muito pra você pensar no que você quer, sabe? (PARTICIPANTE D, 2012)⁶.

⁴ Entrevista gravada no dia 27 abr. 2012.

⁵ Entrevista gravada no dia 06 abr. 2012.

⁶ Entrevista gravada no dia 11 abr. 2012.

Ah, ia ser muito complicado por que... Igual eu falei, tem hora que eu estou muito pra baixo, não consigo encontrar outra coisa pra me animar e coisa e tal. A música que libera a o caminho pra mim. Eu gosto de me identificar com as letras, gosto de ouvir, assistir clipes. Eu gosto disso, de interagir com a música. (PARTICIPANTE B, 2012)⁷.

Nos trechos de entrevista supracitados, já podemos perceber alguns indícios de como a música e o gosto musical podem ter influência na construção de identidade dos jovens entrevistados. Sendo assim, com efeito, já podemos enveredar no que diz respeito a *como os entrevistados se identificam com as suas preferências*.

Em unanimidade, os participantes da presente pesquisa responderam que se identificam com o estilo, por este ser um conjunto, isto é, um todo que, parafraseando o teórico sistêmico Edgar Morin (2011), é mais do que a soma das partes que o constituem, em contraposição a algo isolado, assim como foi considerado as músicas, as letras e os artistas ou bandas específicas. Para os entrevistados é o estilo musical que determina os outros aspectos, isto quer dizer, por exemplo, que “o tipo de letra do rock é diferente das letras do *funk* ou do *hip-hop*” (PARTICIPANTE B, 2012)⁷. As músicas falam de coisas diferentes e o mesmo serve para pensarmos nas posturas e atitudes dos artistas de cada gênero musical.

Os entrevistados foram instigados a caracterizarem como seriam o fã dos seus estilos musicais prediletos e em seguidas foram perguntados se encaixavam na descrição que acabaram de fazer. Todos os participantes salientaram que se encaixavam, mas não totalmente, evidenciando aspectos que os diferenciavam das pessoas do grupo de gosto musical parecido. O mesmo foi solicitado em relação ao estilo musical preterido, contudo, em relação a este último os entrevistados ficaram divididos quanto às suas respostas. Enquanto alguns evidenciaram que não seriam iguais aos fãs do estilo preterido, outros afirmaram que seriam exatamente do jeito que ilustraram, pois “os fãs daquele estilo musical são assim”.

Em relação à identificação com o estilo de música preferido/preterido, os entrevistados corroboram o movimento de igualdades/semelhanças e diferenças, trazido por e Silva (2005), Deschamps e Moliner (2009), onde quando postos a refletir sobre se encaixavam ou incluíam a si mesmos na descrição do fã de tal estilo que acabaram de fazer, os entrevistados pontuaram as semelhanças como “aquilo que os outros são e eu também sou” e demarcaram as diferenças como “aquilo que o outro é”, exprimindo a voz interior a qual fala Erikson (1987), de maneira como se dissessem “os outros fãs são assim, mas eu sou desse outro jeito”. Diferenças e semelhanças foram colocadas em diversos níveis, seja em relação a comportamentos e aspectos subjetivos, quanto a questões estéticas e de vestimenta.

⁷ Entrevista gravada no dia 30 mar. 2012.

Torna-se interessante citar aqui, um trecho do relato do *Participante B*, que ao caracterizar como ele percebe que é o fã de *rock* (seu estilo favorito), verbalizou que

seria um cara que... Depende. Tem aqueles roqueiros que é mais pesado e os que são mais calminhos. Alguns poderiam vestir, tipo assim, mais normal mesmo, agora se for os caras mais pesados têm aqueles cabelões, aquelas botas, camisa de banda... Eu até tenho camisa de banda, mas eu não saio com elas na rua, é muito difícil. É um jeito de mostrar pras pessoas, mas eu não sei, não é o meu jeito. [...] Eu não me encaixo nessa descrição não, eu gosto muito, mas eu seria mais aquele tipo que se veste mais, meio, mais tranquilo, não com roupas tão pesadas. (PARTICIPANTE B, 2012)7.

Aqui podemos ver um tipo de tendência e de identificação grupal, onde a música e o jeito de vestir característico ao seu estilo demarcam que “grupo estou ou deixo de estar”. Provavelmente, o referido entrevistado deve usar as camisas de bandas, quando em grupos ou locais onde o *rock* é o estilo mais valorizado, o que sugere a ideia do conceito de *influência social*, sistematizado pelos psicólogos sociais Michener, Delamater e Myers (2005) como sendo o que ocorre quando “o comportamento de uma pessoa faz com que outra mude de opinião ou execute uma ação que, de outro modo, não executaria” (MICHENER; DELAMATER; MYERS, 2005. p. 238). Na influência social deve haver uma fonte, de onde parte a influência, e um alvo, que será submetido à influência proveniente da fonte. Tanto a fonte quanto o alvo podem ser um indivíduo ou um grupo de indivíduos. A contribuição de tal conceito no presente texto consiste no fato de que ele nos permite pensar na variabilidade e multiplicidade de possibilidades dos discursos e da subjetividade.

O exemplo também é uma ótima colocação para pensarmos no conceito de identidade social – sentimento de semelhança com outros – proposto por Deschamps e Moliner (2009) e ainda, corrobora a ideia de um conceito de identidade não essencialista, mas estratégico e posicional, trazido pelo renomado culturalista Stuart Hall (2005), ao dizer que “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente” (HALL, 2005, p. 13). Cabe ainda a contribuição de Woodward (2005) que pontua que existe uma associação entre as identidades da pessoa e o que ela usa, deixando-nos espaço para pensarmos nas roupas como significantes da diferença e, portanto, da identidade, sendo esta, neste sentido, construída tanto por viés dos símbolos quanto do social, aludindo assim a condições materiais, isto é, a identidade é narrada por meio dos símbolos. Esta relação dos grupos e do espaço físico com as identificações e com o sentimento de identidade, também poder ser vista na fala de outro entrevistado:

Ah, eu encaixo uns 80%. [...] Os outros 20, (risos) ficam pros outros restos das músicas. [...] Olha, eu me identifico, primeiro, em relação a essa parte que eu gosto, que eu toco, que eu gosto de compor, da música que eu gosto eu pego inspiração pra me divertir também, eu não componho profissionalmente, mas é uma coisa que me dá muito prazer. Eu me identifico também com os ambientes, com o estilo, eu posso dizer assim, com o estilo, que geralmente as pessoas que curtem, elas tem, então eu me identifico com isso também. Acho que é mais isso. (PARTICIPANTE C, 2012)5.

Esta questão de identificação com o estilo musical favorito é tão forte para os entrevistados, que muitos deles na hora de fazer a apresentação pessoal, incluíram o estilo na descrição que fizeram: “Ah eu sou a *Participante F*, tenho 19 anos, sou funcionária pública e eu gosto muito de *funk*” (PARTICIPANTE F, 2012)⁴.

Segundo o doutor em Psicologia Social Antonio da Costa Ciampa (2001) um nome nos identifica e com ele nos identificamos. Interiorizamos o que foi nos dado por outros de tal forma que se torna intimamente nosso. Assim, o nome não é simplesmente um rótulo ou uma etiqueta, é algo que confirma e identifica nossa identidade, é o símbolo de nós mesmos, uma representação da nossa identidade, que pode ser ainda, representada de outras formas, como destaca o autor, também podemos usar predicções. Em gramática, o predicado é um dos termos essenciais da oração; é tudo aquilo que se diz ou o que se declara sobre o sujeito. Neste sentido, as predicções podem ser as mais diversas: podem ser profissões, “sou psicólogo”, podem ser raças, “sou negro”. E porque não dizer que sou fã ou que gosto de determinada coisa? O que pensar, então, de alguém que acrescenta o gosto musical em sua apresentação, em sua forma de dizer “quem sou eu”?

Para Ciampa (2001) a identidade pressupõe a realidade social na qual estamos inseridos, ou seja, cada indivíduo encara as relações sociais, configurando uma identidade pessoal, um projeto ou história de vida. No seu conjunto, as identidades constituem a sociedade, ao mesmo tempo em que são constituídas por ela. Neste sentido, a identidade, que inicialmente assume a forma de um nome próprio, vai adotando as predicções, vai adotando “papéis, [...] o indivíduo deixa de ser verbo para se tornar substantivo; ou melhor, na realidade continua verbo, mas o verbo substantiva-se...” (CIAMPA, 2001, p.139).

Sendo assim, ao dizer, “eu sou a fulana que gosta de *funk*”, a entrevistada está dizendo muito dela. Ela diz de onde ela vem, ela diz o que ela curte, que locais frequenta, quem são seus amigos. Ela representa a si, ela representa a sua identidade.

Por fim, já que muito se mencionou sobre a importância do vínculo grupal no processo de construção de identidades, cabe salientar *como a música participa nas relações pessoais dos entrevistados*. Todos eles falam que nos grupos de amigos mais próximos, a música está presente. Pontuam a impossibilidade de um gosto musical 100% igual entre todos os membros do

grupo, contudo, apontam um ou outro estilo em comum, que lhes serve de elo. Concordam também ao dizer que não deixariam de ter um vínculo afetivo (amizade ou relacionamento amoroso) com alguém por causa de divergências entre o gosto musical. No entanto, ao serem questionados como seriam tais relações, relatam que a convivência poderia ser atravessada por alguns conflitos, que em geral, dizem das dificuldades provenientes do gosto musical do amigo ou parceiro principalmente no que se refere as diferentes baladas. Seria muito difícil, para os cinco primeiros entrevistados, acompanhar alguém com quem tivessem alguma relação afetiva em um baile *funk* e o mesmo para a última entrevistada, que já levanta a impossibilidade de frequentar um *show* de *rock* (estilo que menos gosta), verbalizando que um possível companheiro roqueiro “não vai querer ir pro *funk*, então não daria certo” (PARTICIPANTE F, 2012)⁴. A tolerância é menor quando se trata do melhor amigo ou do namorado.

Não se trata de uma “rejeição” ou de meramente um “preconceito”. “Aceitar o diferente” aqui, seria negar os próprios valores, seria negar a própria identidade. E nesta situação, parece mais “seguro” fazer assim como faz outros jovens mencionados pelos entrevistados – *emos*, *punks*, *góticos*, *funkeiros*, dentre outros grupamentos juvenis, a qual eles dizem que o gosto musical é mais “visível”, é mais “identificável” –, procurar pelos seus semelhantes, já que nesse movimento de perceber o que é igual e o que é diferente, intuímos quem somos. Podemos pensar então, que se as identidades “determinam” interesses, as relações entre amigos envolvem empenhos comuns. Neste sentido, as identidades sociais, referidas por Deschamps e Moliner (2009), ao serem contadas no processo de interação entre o *eu* e o *outro*, consolidam-se pelo princípio da amizade, que por sua vez, pode ser aqui considerada como uma das mais nobres expressões da identidade social. No dito popular: “diga-me com quem andas que te direi quem és”. Ou fazendo referência à música e a este trabalho: “diga-me o que ouves que te direis com quem andas e quem és”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa aqui relatada investigou a influência da música no processo de construção de identidade na juventude, a partir da voz dos próprios jovens. Os entrevistados pontuaram a existência da influência, afirmando que eles a percebem e a identificam em suas vidas, porém, ressaltam que a música e os seus variados estilos, não é a responsável por definir o seu “jeito de ser”, embora seus estilos favoritos tenham estreita relação com os seus modos de ser. Pontuam também que isso não é válido para todos isto é, algumas pessoas podem gostar de *rock* e não ter nada a ver com o estilo e em contrapartida existe grupos que têm a música como principal elo e importante meio de representação de sua identidade.

A identidade então é frequentemente vista como representação, mas ela também deve ser considerada “como processo de produção, de tal forma que a identidade passe a ser entendida como o próprio processo de identificação” (CIAMPA, 2001, p.160), já que é na práxis que o homem produz a si mesmo e concretiza sua identidade. É provavelmente nesse nível da identidade que a música possa ter um papel fundamental, principalmente em fases como a adolescência, período fortemente demarcado por muitas e intensas descobertas, na qual se tem uma propensão maior à influência dos grupos sociais, já que a identidade pessoal ainda não está totalmente formada, permitindo pensar, então, na música e no gosto musical, como formas de diferenciar-se e identificar-se com o outro.

Em sua tese, Dayrell (2001) constatou que os *rappers* e os *funkeiros* participantes de sua investigação parecem reelaborar as imagens correntes sobre a juventude, criando modos próprios de ser jovem, sempre mediados pelo estilo musical de que gostam, dando a estes um lugar central em suas vidas, já que, por meio deles, expressam a reivindicação do direito à juventude. Aqui, as práticas musicais podem não ser necessariamente as mesmas, mas os seis participantes demonstraram como recorrem à música para dar significação à vida e falar de si mesmos. A juventude está “autorizada” a curtir a música e a aproveitar a vida, sendo que, muitas vezes, a primeira é o canal para melhor desfrutar a segunda.

A música como em todo e qualquer processo artístico ou cultural, se constitui como um fenômeno social, pois mantém relação e questiona os valores sociais e as significações dos sujeitos. Assim, quando se vivencia a música não se estabelece relação apenas com a matéria musical em si, mas com toda uma rede de significados construídos no mundo social, em contextos coletivos mais amplos e em contextos singulares. A música, então, além de ser um instrumento de aquisição de cultura e de lazer, pode servir como uma ferramenta de integração social e, neste sentido, apresenta-se como forma de demarcar/refletir diferenças psicológicas e socioculturais, o que faz com que ela e o gosto musical criem concepções, conceitos, rótulos, grupos de convivência e até mesmo estigmas, ao passo que, também se colocam como forma de representação identitária.

Assim como a identidade, o gosto musical também é construído nas relações interpessoais e nas próprias práticas, seja cantando, compondo, dançando, ou somente ouvindo. Os entrevistados demonstraram que com a música estabelecem trocas, experimentam, se relacionam, divertem-se, produzem, sonham, enfim, constroem e falam de suas identidades pessoais e dos diferentes modos de ser jovem. E se a construção de identidade é um processo contínuo, a música também o é, pois na medida em que as identidades das pessoas se reelaboram, a música também é reelaborada, ao passo que também auxilia na reelaboração das identidades.

Julga-se que a Psicologia não pode desperdiçar isto, ao mesmo tempo em que ela também tem muito a contribuir. Espera-se então, que esta pesquisa contribua para instigar e mobilizar profissionais que tem o objetivo de atuar com jovens, para a sua formação e instrumentalização,

pois conforme salientado pelos próprios entrevistados, a música é sim uma forma de se aproximar do universo da juventude. Sendo assim, é claro que não se pode parar por aqui, espera-se também que este trabalho ajude a incitar novas investigações, novos estudos, fomentando, desta forma, possibilidades de novos aprofundamentos e de outras compreensões.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. In: FÁVERO, Osmar (Org.). *Juventude e Contemporaneidade*. Brasília: UNESCO / MEC / ANPED, v. 16, 2007. (Coleção Educação para todos). Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001545/154569por.pdf>>. Acesso em: 01 nov. 2012.

ANDRADE, Mário. *Pequena história da música*. 6. ed. São Paulo: Martins, 1967. 245p. (Obras completas de Mário de Andrade).

CIAMPA, Antonio C. *A estória do Severino e a história da Severina: um ensaio de psicologia social*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.

DAYRELL, Juarez. *A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude em Belo Horizonte*. 2001. 412f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <<http://www.fae.ufmg.br/objuventude/upload/acervo/2b8a46416944af8dfcd752bd8533952d.tese%20Juarez.pdf>>. Acesso em: 01 nov. 2012.

DAYRELL, Juarez. *O jovem como sujeito social*. Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro, n.24, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a04.pdf>>. Acesso em: 01 nov. 2012.

DESCHAMPS, Jean C.; MOLINER, Pascal. *A identidade em psicologia social: dos processos identitários às representações sociais*. Tradução de Lúcia M. Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 2009. 199p.

ERIKSON, Erik H. *Identidade, juventude e crise*. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, c1987. 322p. (Ciências da educação).

GROPPO, Luís A. *Juventude: ensaios sobre Sociologia e História das Juventudes Modernas*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000. 308p.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HATEM, Thamine P.; LIRA, Pedro I. C.; MATTOS, Sandra S.. Efeito terapêutico da música em crianças em pós-operatório de cirurgia cardíaca. *Jornal de Pediatria (Rio J.)*, Porto Alegre, v. 82, n. 3, jun 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-75572006000300006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01 nov. 2012.

MAHEIRIE, Kátia. Processo de criação no fazer musical: uma objetivação da subjetividade, a partir dos trabalhos de Sartre e Vygotsky. *Psicologia em Estudo*. Maringá, 2003, 8(2), p. 147-153. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v8n2/v8n2a15>>. Acesso em: 01 nov. 2012.

MICHENER, H. Andrew; DELAMATER, John D.; MYERS, Daniel J. Influência Social e Persuasão. In: MICHENER, H. Andrew; DELAMATER, John D.; MYERS, Daniel J. *Psicologia Social*. São Paulo: Thomson, 2005. Cap. 8, p. 237-269.

MINAYO, M. C. S. (Org.). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. 20. ed. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

MINAYO, M.C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 3.ed. São Paulo: Hucitec/Abrasco, 2000. 269p. (Saúde em debate; 46).

MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. 4. ed. Porto Alegre: Editora Sulina, 2011.

PIMENTEL, Carlos E.; GOUVEIA, Valdiney V.; PESSOA, Viviany S. Escala de Preferência Musical: construção e comprovação da sua estrutura fatorial. *PsicoUSF*. Itatiba, v. 12, n. 2, dez. 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712007000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 01 nov. 2012.

SILVA, Tomaz T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz T.; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2005. (Educação pós-crítica). Cap. 2, p. 73-102.

SIQUEIRA, Andrea S. *Música e vida social: sentidos do festival de inverno de Campos do Jordão para músicos da comunidade local*. 80f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, São Paulo, 2009. Disponível em:

<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-15122009-124333/publico/Dissertacao_Siqueira.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2012.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz T.; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2005. (Educação pós-crítica). Cap. 1, p, 7-72.